

Costa de Caparica, 10 de junho de 1973.

Meu caro Piñeiro

Mandei ontem a você e ao Del Riego um exemplar da revista "Colóquio", onde vem o meu artigo sobre "a recuperação literária do galego", que desejaria fosse transcrito na revista "Grial" e amplamente discutido nos círculos literários de Galiza, Portugal e Brasil. Sobretudo, quero que não restem dúvidas sobre a pureza das minhas intenções. O dilema, neste momento crucial, põe-se-me do seguinte modo: ou o galego refaz literariamente, com urgência e bom método, o seu idioma rural, que pode desaparecer ou desfigurar-se em virtude de circunstâncias adversas, ou se verá obrigado a adoptar o português como língua literária. De qualquer maneira, para reformar a sua língua terá de se aproximar do português, até que se identifique um dia com ele, como língua de cultura. Receio que o galego, pelas inibições a que está sujeito, não seja capaz de compreender a imperiosa necessidade desta opção.

Li com o maior interesse o artigo de Lois Tobío no "Grial" sobre "Gondomar e o galego". Aquelas duas cartas de Diego Sarmiento de Sotomayor são extremamente curiosas pelo portuguesismo do seu galego: lonje, bein, naon (= não), oje, naçoins, ja, jente, cofaçon, dezer, aos, maom, so (= sou). Criado à beira de Portugal, como diz na 2ª carta, ajeitava o seu galego ao modo português. Este galego dos princípios do séc. XVII vem-nos ensinar muita coisa: é um ilustre predecessor de Guerra Da Cal. Se puder ir aí em Julho, falaremos disto. Vou mandar-lhe os originais das conferências da "Semana cultural galego-portuguesa", logo que regresse a Anadía, daqui a 15 dias.

Cumprimentos às senhoras e um afetuoso abraço do velho amigo

